
A LEITURA LITERÁRIA, VALOR E EDUCAÇÃO NA AULA DE LÍNGUA INGLESA

Maria da Conceição Vinciprova Fonseca
concyvf@uol.com.br
Associação Educacional Dom Bosco- AEDB
Centro Universitário Volta Redonda- UniFOA

RESUMO

A ideia deste trabalho parte de uma dissertação de Mestrado em que se investigou a possibilidade de transformações mais estáveis e duradouras na leitura dos alunos, por meio de leitura literária nas aulas de Inglês como Língua Estrangeira – LE, tornando aquela aula mais relevante e valorizando-a. A proposta visa principalmente às instituições de ensino como escolas e faculdades, diferenciando-se de maneira marcada do que acontece em cursos de idiomas. Após o relato da proposta e uma breve apresentação de slides enfatizando o valor da literatura e da leitura pela estética da recepção, serão disponibilizadas cópias aos presentes, alguns dicionários e glossários. Depois da leitura, auxiliada também pelo professor –apresentador e mesmo por colegas, o texto será discutido, e só o grupo poderá, na discussão, considerar pela adequação ou impropriedade das diferentes leituras.

Palavras-Chave: Leitura literária; Aula de Inglês; Valor.

1. INTRODUÇÃO

Indaga-se sobre uma maneira de serem otimizadas possibilidades educativas através do ensino da língua estrangeira – no caso, inglês. Considerando-se que o objetivo da escola é a formação de cidadãos autônomos, capazes de atuar positivamente no meio e de ser felizes, é justa a busca de caminhos apontando nesse sentido. Propomos, para tal, estimular o uso de uma abordagem de leitura, o que, apesar de recomendado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN, não costuma acontecer nas salas de aula.

Quando se organiza o planejamento de um curso de inglês em relação à habilidade escolhida como central – falar, ouvir, ler, escrever – sempre se estará *fazendo escolhas*. A língua é a representação da experiência, do mundo, da vida, e portanto é impossível contemplar todos os seus aspectos, ainda que houvesse mais contato do que os dois encontros semanais de menos de sessenta minutos que se tem, em média, tanto na escola como em cursos de idiomas. Seja qual for a abordagem, gramatical, funcional ou qualquer outra, certos aspectos serão deixados de lado em favor daqueles considerados por autoridade – o professor, a instituição – mais centrais. A escola, frequentemente desqualificada ao ser comparada com cursos de idioma, precisa achar seu valor, apresentando-se como o espaço onde sejam otimizadas as possibilidades de aprofundamentos e transformações nos sujeitos envolvidos – professores e alunos –, oferecendo-lhes uma melhor visão do mundo, de si mesmos e auxiliando os estudantes em direção à sua autonomia.

A leitura, apesar de ser há mais de vinte anos priorizada no contexto escolar pelos PCN, ainda é questionada por crenças: seria a abordagem de leitura uma consequência do “discurso dos derrotados”? Seria preciso primeiro aprender a língua inglesa para depois aprender a ler na língua inglesa? Estariam os professores prontos a dar voz ao aluno, tendo assim seu poder desafiado?

Por outro lado, os alunos também têm medo — de “crescerem”, olharem dentro de si, assumirem responsabilidades, serem o escritor/leitor de suas vidas, do mundo. Falam disso, brilhantemente, autores como Freire (2001) e Martins (1994), entre tantos outros.

A necessidade de desenvolver habilidades e hábito de leitura perpassa todas as disciplinas da grade escolar. O discurso dos professores é conhecido: os alunos não *compreendem* o problema de matemática, não *entendem* o que está sendo pedido na questão de geografia, não *percebem* a relação causa / consequência na lição de história. Todas essas falhas costumam ser decorrência de não haver um hábito de leitura, a qual, vista apenas como decodificação do signo linguístico, fica relegada a um segundo plano, num estranho paradoxo — os alunos não *compreendem*, não *entendem*, não *percebem* o texto, mas *ler* — isso eles sabem?!

A fascinação causada pela leitura é mostrada no filme *Abril Despedaçado*, em que o menino pobre e analfabeto consegue um livro e cuida dele como de um tesouro, seu bem mais valioso. Já o não saber ler aparece em sua consequência mais terrível no filme *O Leitor*, com a moça que não lia, não compreendia e colaborou com o horror do nazismo. Ao aprender a ler, não pôde mais viver.

É importante esclarecer que não se pretende excluir outras habilidades. Priorizar a leitura é também usá-la como ponto de partida para aprender a língua. Pode-se tirar o máximo proveito do texto, enfocando léxico, prosódia, gramática, sintaxe, registro, uso, funções e quaisquer outras questões linguísticas; mas desse texto deverão surgir discussões dos grandes temas universais, das questões que angustiam a raça humana, que realmente fazem com que tal “raça” exista, pois seu discurso contém o que Coleridge chamou “the all-in-each of every man” (*apud* BRITTON, 1982, p. 28). Coloca-se aqui outra questão: que texto?

1. A LITERATURA

Aprendemos a gostar de nossa língua através de sua literatura: todos sabemos de cor algum verso de nossos grandes poetas, reconhecemos heróis e heroínas de nossos romances. Como segunda língua ou como língua estrangeira, aprende-se francês com textos de literatura, o mesmo se dando com italiano e espanhol. No ensino de língua inglesa como língua estrangeira, entretanto, textos literários são praticamente ausentes, razão de justo estranhamento. Mas o que é exatamente um texto literário?

Culler (1999) trata bem a questão, como se vê a seguir. Ele usa a metáfora das ervas daninhas; tais plantas não têm um elemento único que as diferencie das outras, nenhuma *daninheza* especial. Sua forma e sua essência podem ser muito semelhantes às das plantas cultivadas. Igualmente, o texto literário pode ter formas muito semelhantes às de outros tipos de textos. Mais ainda, um texto literário pode ser muito diferente de outro do mesmo gênero.

Mas a linguagem literária, como é arte, resiste a enquadramentos, dificultando uma definição. Isso, porém, não importa na proposta deste trabalho. O foco de muitos teóricos não têm sido buscar uma definição de literatura, e sim investigar suas funções sociais e políticas.

Teoriza-se que a literatura é simultaneamente o lugar onde se podem universalizar e reforçar as estruturas sociais e o *status quo* e o lugar onde estas mesmas estruturas ficam aparentes, reveladas, podendo ser discutidas e questionadas. A literatura pode, portanto, provocar tanto o conformismo como a subversão. Não por acaso Platão não queria poetas em sua república. (FONSECA, M.C.V., 2003)

2. A LEITURA E A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

Culler (*op. cit.*) precisa ser lembrado quando, colocando de lado a busca de definição para literatura, indica o caminho a ser seguido:

Refletir sobre a literariedade é manter diante de nós, como recursos de análise desses discursos, *práticas de leitura trazidas à luz pela literatura*: a suspensão da exigência de inteligibilidade imediata, a reflexão sobre as implicações dos meios de expressão e a atenção em como o sentido se faz e o prazer se produz.

Eagleton (2001, pp. 281, 282) reforça a ideia acima quando diz que *o estudo deve portanto se centralizar nas práticas usadas quando se lida com estes discursos, práticas estas que têm o poder de modificá-lo*.

Assim, é preciso buscar tais práticas de leitura. Uma leitura que possa ter um valor maior de educação, que dê voz ao aluno, que amplie as possibilidades de interação de um grupo; que desperte atenção especial, não exija compreensão imediata, uma leitura paciente. A leitura conforme teorizada por estudiosos como Wolfgang Iser (1999) e conhecida como Estética da Recepção.

Essa leitura se afasta da maneira tradicional de se lidar com literatura, com foco no autor (o que o autor quis dizer?) ou mesmo no texto (o que este texto quer dizer?). Tais modelos precisam ser alterados para que a literatura tenha um real valor educativo. O que importa é a recepção do texto pelo leitor e os consequentes efeitos provocados.

A leitura do texto será igual ao número de leitores; mais ainda, será igual ao número de vezes que o texto é lido, ainda que pelo mesmo leitor. Isto porque o texto tem lacunas que sempre precisarão ser preenchidas, e esse preenchimento precisa sempre ser renovado. A descrição de uma paisagem, por minuciosa que seja, criará imagens diferentes, dependendo do leitor, do contexto e da época, possibilitando que o texto faça sentido ao longo dos tempos.

Fish (1998) teoriza a respeito do sentido da leitura. Ele diz que a compreensão entre o emissor e o receptor não é possível apenas por que aqueles compartilham uma linguagem, mas porque *“são compartilhados” por um modo de pensar, uma forma de vida, um mundo de objetos em seus devidos lugares, propósitos, objetivos, valores, etc.*

Este *compartilhar* comum faz com que os envolvidos na comunicação possam determinar os limites das possibilidades na leitura ou compreensão de um texto, que é sempre contextual.

Assim, com o suporte teórico esboçado acima, propõe-se uma *leitura* literária, em que o texto — não necessariamente do cânone literário — terá uma qualidade de linguagem e merecerá atenção especial; as contribuições dos alunos serão valorizadas e caberá ao grupo validar ou não as diferentes leituras. O suporte linguístico pode ser dado pelo professor, por colegas, ou pela colocação de dicionários e/ou glossários à disposição dos alunos. Esta é uma outra questão a ser colocada: dicionários são uma ferramenta muito importante para o aluno de língua estrangeira, mas o professor muitas vezes não incentiva o seu uso, preocupado talvez em desenvolver estratégias de inferência de sentido pelo contexto. O que acontece é o empobrecimento do tipo de texto usado em aula.

A leitura literária que se propõe aqui cria espaço para ouvir a voz daqueles alunos sempre silenciosos, com medo de caminhar em terreno desconhecido — a língua estrangeira. Eles estarão lendo em inglês, com os auxílios descritos acima, mas a discussão será, dependendo logicamente do nível de proficiência do grupo, em português.

O foco não é aprender gramática ou vocabulário; trata-se de explorar o potencial hermenêutico do texto, praticar a discussão democrática, quebrar barreiras de inibição e mudar, pelo contato com a arte, a fruição estética. Essa leitura, que este trabalho chama *Leitura Literária pela Estética da Recepção (LLER)*, deverá ser experimentada pelo grupo de participantes da oficina.

3. REALIZAÇÃO DA OFICINA

Após breve introdução da proposta, com slides, serão disponibilizadas cópias de um texto literário em inglês para os participantes. Haverá alguns dicionários sobre uma mesa, e também cópias de um glossário. Os participantes leem, interagem, perguntam, e assim, lendo relendo, interagindo, vão compreendendo o texto. Finalmente, discutem suas leituras. Cabe ao professor ajudar, mediar, manter uma certa ordem e estimular os alunos a contribuírem com suas ideias.

4. REFERÊNCIAS

ABBOTT, G. *ELT Journal* Volume 38/2. Abril 1984.

ALMEIDA FILHO, J.C.P. (org). Campinas, S.P.: Pontes, 1999.

BARNES, D. *Knowledge as Action*. In: *The Word for teaching is Learning – Language and Learning Today – Essays for James Britton*. Londres: Heinemann Educational Books Inc., 1988.

EAGLETON, T. *Teoria da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FELIX, A. Crenças de Duas Professoras de uma Escola Pública sobre o Processo de Aprender Língua Estrangeira. In: *O Professor de Língua Estrangeira em Formação*. ALMEIDA FILHO, J.C.P. (org). Campinas, S.P.: Pontes, 1999.

FISH, S. *Is there a Text in this Class?* Cambridge, Massachusetts: 10ªed, Harvard University Press, 1998.

FONSECA, M.C.V. O Texto Literário: Aprofundamento de Leituras e transformações na aula de Língua Inglesa. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, Niterói: 2003.

ISER, W. Teoria da Recepção: reação a uma circunstância histórica. Rio: EDUERJ, 1999.

MOITA LOPES, L.P. *Oficina de Linguística Aplicada*. 3ª reimpressão. Campinas: Ed. Mercado de Letras, 2001.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - BRASIL, 1996.